

# A CRUZ E A ESPADA

POR DEUS, PATRIA E REI

REDACÇÃO PRINCIPAL — D. J. Senna Freitas, e colaboradores — Pinho Leal — Moreira Bello — D. Ozorio Guimarães — Augusto Semblano — Garrido e J. T. F.

1.º ANNO

Assignatura — Por 3 mezes 300 reis, semestre 600 reis, anno 1200 reis, Anuncios, linha 40 reis, correspondencias, linha 40 reis.

Sendo remetida a folha pelo correio, anno 12500 rs., semestre 750 rs. — avulso 40 reis. Toda a correspondencia era dirigida á administração, franca de porte, rua de D. Frei Caetano Brandão N.º 18, João F. Torres.

NUMERO 46

BRAGA

SEXTA FEIRA 8 DE DEZEMBRO DE 1882

SALVE GLORIOSO DIA 8 DE DEZEMBRO!

UMA AVE MARIA, CONSAGRADA Á VIRGEM PELO POVO FIDELÍSSIMO QUE AMA A DEUS, A PATRIA E O REI

**Ave Maria** — Neste dia de paz para o mundo e honra para a nação, hymnos festivos se entoam lá nos céus. Todos os santos e martyres cantam louvores a Maria: os anjos rendem preito á sua Conceição Immaculada, porque nos mares, na terra e nos espaços está proclamada toda a grandeza da Mãe de Deus. Em vós arca sacrosancta d'alliança celeste, encontra o peccador o seu verdadeiro refugio, o navegante o porto da salvação que deseja e o muribundo conforto suave nos transeos dolorosos d'agonia extrema quando estes creiam em vós com devoção e fé —

**Cheia de graça** — Mais esplendida que a aurora d'um dia brilhante, mais ardente ainda em amor que o proprio sol d'Agosto e mais formosa do que o encantador lyrio do valle, sois vós ó Rainha da humanidade. O fulgor da vossa virgindade é muito mais radiante do que as pedras preciosas que adornam a coroa de Deus. Saudada, pois, sejaes hoje por trinta milhões de crentes, ó Princesa das nações. A impiedade, casada com a triste liberdade d'este seculo corrupto, estremece deante dos seus ruidos infernaes, quando ouve proclamar as glorias do Vosso nome. Sois toda sancta, toda pura, toda formosa e toda cheia de graça; dando-vos o Altissimo este prevelegiado —

**O Senhor é vosso, bendita sois vós entre as mulheres**. — Em vós está concentrado todo o poder de Deus por serdes a sua medianeira e a Esposa do Espirito Santo. De geração em geração tendes sido cantada e adorada pelos crentes de 19 seculos. Nos proprios infernos Satanaz confunde-se raivoso quando ouve bendizes a vossa Conceição Immaculada. Ao passo que o arcanjo das trevas tem horror ao vosso nome, as virgens, as esposas e as mães invocam-vos com fervor, adorando-o por ser elle o symbolo de triumpho que mais brilha no escudo invencivel do Anjo Sam —

**Bendito é o fructo do vosso ventre**. — Modelo sublime das mães sois vós chamada por todas as filhas d'Eva, que creem em vós, e habitam toda a face da terra.

Eu vos adoro inclita Judith da nova lei da graça. Sem vós não ha progresso, sem a vossa influencia celeste não pôde caminhar ávante a civilisação humana.

As conquistas d'este velho e espinhaldo Portugal devem-se a vós, Senhora, por presidirdes em todos os tempos aos destinos do novo e velho mundo.

Sois a estrela da manhã, que annuncia a um povo cahido uma redempção proxima. Sois o unico luzeiro da patria, o sol brilhante da liberdade, que civilisa.

Neste dia festivo, consagrado á vossa Conceição sanctissima, Deus exalta nos céus a vossa gloria, a patria rende preito ao vosso nome, e nosso rei legitimo aguarda ansioso o momento feliz de vos proclamar a poderosa Rainha dos seus novos exercitos.

Salvé dia 8 de dezembro! Paz ao mundo e victoria perenne á sancta Egreja de Christo. Seja Senhora, o vosso dogma de sanctidade e pureza engrandecido hoje e sempre por todo o universo como um privilegio mandado dos céus sem —

## AINDA A INAUGURAÇÃO DO GREMIO LEGITIMISTA NO DIA 1.º DE DEZEMBRO

Discurso pronunciado pelo Exm.º Sr. João Cypriano Rodrigues Batalha.

Senhor Presidente: — O jubilo de que me achó possuido perante uma assembleia tão luzida e illustrada, o gozo que experimento ao vê-me rodeado de tantos e tão dignos correligionarios meus, perturbam-me o animo e não permitem que, condignamente, possa exprimir taes sentimentos.

Foi á mim, o mais humilde dos soldados da nossa grandiosa e santa cruzada, que a direcção do Gremio portuguez legitimista de Lisboa encarregou de vir represental-a junto ao Gremio legitimista do Minho, n'esta grande e imponente solemnidade.

Não foi de certo a minha competencia o ponderoso motivo que levou aquella direcção a fazer tal escolha: foi porém a impossibilidade absoluta de que outros, muito mais competentes de que eu, que tendo de assistir em Lisboa tambem a uma sessão solemnissima, não podiam por forma alguma deixar o seu posto n'aquella capital em tão importante conjunctura.

E' pois encarregado por aquella direcção que venho cumprir o honroso dever de manifestar a V. Ex.ª e a esta illustre assembleia o seu reconhecimento pela sua lisonjeira prova de consideração e confraternidade de sentimentos que este gremio lhe deu convidando-a para se fazer representar n'esta inauguração, e de oferecer em nome da mesma direcção e do Gremio de Lisboa toda a sua adhesão aos nobres sentimentos que inspiraram os legitimistas de Braga em tão elevado empreendimento.

A mesma direcção communicarei o benevolo acolhimento que por tão illustre assembleia acaba de me ser feito n'esta cidade, agradecendo eu desde já pela minha parte uma tão honrosa recepção de que me confesso penhorado no mais subido grau.

Poucas mais palavras direi, senhor Presidente; porque m'ò impedem a alegria e o jubilo que me dominam ao vê-me n'esta nobre cidade de Braga, n'este baluarte das ideias legitimistas, n'este sanctuario quasi unico no nosso paiz, onde a religião catholica é ainda fiel e fervorosamente observada e respeitada. N'esta rica e populosa provincia do Minho, a esperanza do nosso partido, finalmente n'esta terra três vezes santa, santa pela fé, santa pela religião, santa pela politica!

Ninguém ignora, senhor Presidente, a importancia do movimento que se está operando no nosso paiz a favor da causa que defendemos. Em Lisboa, o Gremio legitimista tem dado as maiores provas do que affirmo, não só pela propaganda que quotidianamente está praticando, mas pelas numerosas adhesões que de todos os lados espontaneamente nos vão chegando. A creação d'aquelle Gremio foi um desmentido solemne contra aquellos que propalavam a falsa asserção de que o nosso partido se achava agonizante, quando pelo contrario como a Phoenix parece renascer hoje das proprias cinzas!

Ainda há pouco teve lugar em Lisboa, em Braga e em mais pontos do paiz a confirmação do que deixo dito. As imponentes manifestações do dia 19 de Setembro foram uma prova evidente de que o nosso partido se acha em todo o vigor da virilidade; a creação d'um novo jornal diario, órgão da mocidade legitimista e que hoje pela primeira vez sahii dos prelos da capital, vai mostrar ao paiz que a nova geração está prompta a abraçar, tendo por guias as reliquias venerandas do partido, a santa causa que defendemos, aliando n'um elo fraternal o util do presente com tudo quanto no passado houve de grandioso e digno; a inauguração d'este Gremio diz-nos que a hora da restaura-

ção se aproxima e que cada um de nós compreendendo-o, procura o lugar que n'essa grande empresa lhe cabe.

Termino, senhor Presidente, fazendo votos porque este dia tão solemne seja de favoravel augurio para a nossa causa; que a gloriosa restauração de 1640 que hoje se commemora fosse o prenuncio sublime da restauração da nossa patria pelo agrupamento de todos os portuguezes em torno da sacrossanta bandeira de Deus, Patria e Rei, sob a egide gloriosa do nosso rei o Senhor D. Miguel II.

## Discurso do ex.º sr. dr. Custodio Vellozo

«Acabava-se de quebrar a taça de ouro por onde o velho Portugal libava o nectar suavissimo de sua liberdade e de sua independencia.

«O heroe legendario que, com a ponta de sua espada, tendo a cruz esculpida nos copos d'ella, abria as portas do Oriente a todos os povos da terra; — o altivo gigante que não trepidára, não recuára um só passo diante da apparição do pavoroso vilto do fero Adamastor — o guerreiro indomavel, que em Montes-Claros e Aljubarrota ensinara ás nações como se ceifam e arrebata das mãos do audacioso inimigo as palmas viridentes da victoria — esse guerreiro, esse heroe, esse gigante vacillou nos campos arenosos de Alcacer-Quibir, e tombou, quasi exanime, estendendo os pulsos ás algemas da escravidão e da tyrannia.

«Antes d'essas algemas serem apertadas, ainda o gigante tentou, em supremo esforço, erguer-se e arrancar o seu estandarte do poder dos que o assaltaram a empolgar-lhe os ricos despojos, mas o melhor do seu vigor esgotára-se na temeraria jornada — a flor dos seus valentes ficára sepultada nos ardentes areaes d'África, e o gigante, mortalmente ferido, amparado apenas pela debilidadade de dous velhos sacerdotes, cheios de virtudes moraes, porém vazios da energia viril indispensavel em lancees tão angustiosos — esse gigante assim abatido, cahiu prostrado, de vez, perdido o ultimo alento; esgotada a ultima energia, desvanecida a ultima esperanza.

«O heroe era escravo.

«Já se não houviam os seus hymnos festivos, que eram substituidos pelos gemidos de seus filhos oppresos e desvalidos. Já se não escutavam os hosannas victoriosos dos seus exercitos, que tresmalharam desfeitos em lagrimas de dor e de saudades da patria.

«Portugal acabava de ser expulso do congresso das nações livres.

«Os seus galeões haviam sulcado os mares nunca d'antes navegados; as suas artes e sciencias chegaram ao maior apogeu do seu tempo; D. Manoel havia recebido debaixo do pallio do immortal Vasco da Gama; — o mosteiro dos Jeronymos de Belem havia surgido como por encanto á margem direita do Tejo; — Pedro Alvares Cabral havia feito cebrar a 1.ª missa em terras de Santa Cruz; — em tempos de D. João III, Lopo de Sampaio desbaratára 10 mil malabares; — Lourenço Vasques desembarca em Borneu, e as suas armas haviam alcançado assignaladas victorias no Mar Roxo, nas Molucas, e em outras notaveis terras do Oriente.

«Não faltaram insignes poetas e prosadores a levantar essés padroes gloriosos que a mão do tempo não tem podido obliterar!

«Era o canto do cysne!

«Mas esse progresso immenso, essés astros de luz, que nos serviam de farol no caminho da civilisação, tocavam o seu vadir!

«Os castelhanos lançavam-nos pesados grilhões, porque o grande batalhador de Aljubarrota envolvera-se na sua armadura de cavalleiro, e fora dormir o sono da morte denaixo das frias abobadas do mosteiro da Batalha.

«Os castelhanos opprimiam-nos, vilpendiavam-nos, porque o Mestre d'Aviz já não podia entrar nos aposentos da realza, o cortar de um só golpe a cabeça dos Andeiros oppressores, proclamando depois a independencia da patria, e dando por terra com o throno de uma dynastia estrangeira.

«Recetivamos uma lição dolorosa; callavamos a nossa dor no seio d'alma; soluçavamos pela liberdade, esperando a cada momento, a hora propicia para quebrarmos os ferros da escravidão.

«Emquanto a nossa esquadra apodrecia no Tejo, perdiam-se, pouco a pouco, essas fortalezas que não tinham uma só pedra que não fosse marcada com sangue portuguez.

«Emquanto os nossos valentes soldados combatiam contra a Franca e contra a Inglaterra, ou nas provincias de Catalunha e Flandres, os hollandezes continuavam as suas conquistas no Brazil, e a Hespanha cedialhes parte das nossas possessões.

«Os tributos eram excessivos. A aristocrazia, a que se conservara digna de si e da terra que lhe fora berço, estava empobrecida e aviltada; o nosso commercio paralisado, e Portugal chorava, de balde, porque a hora da sua libertação, ainda não havia soado.

«Os annos volviam uns apoz outros, e no horizonte do futuro não se divisavam as nuvens alvissimas da esperanza!

«Subito, porém, no dia 1.º de dezembro de 1640, uma luz divina parece irradiar fulgores; e o povo que, na vespora adormecera escravo, acorda de um sonho, de sessenta annos, ergue-se como um só homem, solta um brado unisono; — e essa palavra magica, que faz pulsar todos os corações, esse verbo de salvação e de vida que o Deus da Cruz pronunciou no viso da collina santa do Golgotha affirmando ao homem que a sua missão estava consummada — essa palavra — *liberdade* — corre de bocca em bocca, de povoação em povoação, de cidade em cidade, faz-se retinir d'uma a outra extremidade do reino.

«Estava-mos livres.

«Estava-mos livres pela mão Omnipotente da Providencia que annou o braço de quarenta portuguezes, com a inergia precisa para desfazer em pó o jugo dos tyrannos!

«Eramos livres; e o hymno de liberdade, que resoou em todo o paiz, foi o preludio de outros commettimentos, que nos alcançaram novamente a prosperidade, a honra e estima das nações, em cujo concerto entramos outra vez, como nos dias de nossa maior gloria.

«Srs. — Passemos por sobre as paginas da historia portugueza, subseqentes ao feito glorioso e immortal que hoje comemoramos; e paremos onde a historia registra os factos occorridos desde ha perto de 50 annos.

«Não precisamos de passar em revista retrospectiva toda a historia contemporanea, para fazermos a sua aproximação e confronta com os tempos da ominosa dominação castelhana.

«Basta-nos a recordação do que hoje vemos e observamos.

«Basta-nos olhar para o nosso exercito, e veremos que é elle que nos absorve a melhor parte do orçamento do estado; e que quando queremos organizar sequer ao menos um batalhão expedicionario para as nossas possessões, todos os soldados designados para o batalhão, entram a enfermar pelos hospitaes militares, de sorte que dentro em pouco o batalhão fica reduzido a invalidos e a doentes.

«Vemos a nossa marinha tão florescente que um vaso de maior custo com o pomposo nome de — *Pimpão* — quando se ordena uma viagem, que não é mister ser de longo curso — sentê logo dores de barriga, e entra no arsenal para concertos, que é a sua maior pimponice.

«Vemos a fazenda publica n'um estado cada vez mais miseravel, mais catotico, dos á fronte d'ella, a contabilidade

mais lastimoso; a dívida nacional crescendo; crescendo de um modo assustador e temeroso, e todavia estamos sobrecarregados de tributos, tão onerados de contribuição predial, industrial, pessoal, decima de juros, contribuição districtal, contribuição municipal, contribuição parochial, real d'agua, contribuição de registro por título gratuito e oneroso, imposto do selo, imposto do rendimento, e por ultimo vem o famoso imposto do sal, e todavia ainda a dívida publica medra, a dívida fluctuante cresce, o *dificult* apparece sempre com as fauces abertas para nos devorar o ultimo centil que um pobre possa adquirir com o suor do seu rosto.

Vemos tudo isto; vemos as nossas colonias, essa garantia unica da prosperidade futura de Portugal, vemos as nossas colonias que se vão aos pedaços, entregues uns aos exploradores concessionarios—outros arrebatados pela rapina cobiçosa de estrangeiros—outros abandonados completamente a si proprios sem que a metropole olhe para elles com aquelle carinho e cuidado de uma mãe sollicita que sabe o mimo dos filhos que tem.

Ainda ha pouco vimos a concessão da Zambesia, d'essa riquissima região de nossas colonias, sem que um governo verdadeiramente patriota auxiliasse pelo menos o concessionario na formação da Companhia de exploração para lhe imprimir uma feição essencialmente portugueza sendo preciso ao concessionario andar a mendigar socios nas praças estrangeiras levantando este pregão de eterno opprobrio:

«Quem quer minas d'ouro das colonias de Portugal?»

Vimos tudo isto, snrs., e porisso comparando os factos, e aproximando datas não podemos deixar de saudar com vivo enthusiasmo os heroes de 1640, que libertaram Portugal do jugo dos tyrannos.

Nós, no momento historico que atravessamos, temos indeclinavel necessidade de nos libertarmos d'outros tyrannos.

Os tempos tem corrido tenebrosos, é certo; mas, snrs., quando as aguas do diluvio universal traziam ainda submergido todo o mundo n'ellas, e a arca salvadora a boiar sobre ellas, Noé largou um corvo da arca, e o corvo não voltou porque se entreteve a pastar nos cadaveres; mas passando algum tempo, largou uma pomba, e a pomba voltou com um ramo de oliveira, signal de paz e de ter passado o diluvio.

As pombas innocentes da nossa mocidade já trazem ramos de paz aos arraiaes da patria, dando rebate de ter passado o tempo do diluvio, e de estar proxima a reconciliação de Deus com os homens.

Snrs.!—É mister entrar agora em vida nova.

Vida nova snrs., vida nova.

Vida nova com principios velhos.

Vida nova, fundida nos moldes das necessidades imprescindíveis da actualidade, mas espiritualizada pelos principios velhos, sancionados pela sabedoria dos seculos, confirmados pela sanção da Igreja, adoptados por todos os povos verdadeiramente cultos.

Vida nova snrs., vida que prepare um dia igual ao 1.<sup>o</sup> de dezembro de 1640, de que tanto carecemos.

Temos a necessidade e o direito de preparar um dia, igual a este, que não vem longe; porque quando os poderes de uma nação residem em personalidades que tem praticado actos que lembram as devastações d'Attila, os horrores de Nero, as loucuras e devassidões de Heliogabalo, as torpezas de Henrique VIII e as crueldades e tyrannias de endiabradas facções—essa nação, esse povo tem direito de intimidar taes personalidades; como a Margarida de Saboia, quando ella dormia sobre o azorrague ensopado no sangue ainda tepido dos vassallos do monarcha de Castella.—e dizer-lhes energeticamente:

«Sahi pela porta, se não quereis voar pela janella!»

Snrs. Na preparação de um dia assim glorioso, não devemos nunca esquecer-nos da legenda da nossa bandeira—*Deus Patria e Rei*.

*Deus e povo*—era a legenda querida do Snr. D. Miguel I.

*Deus*, primeiro que tudo, como principio Supremo, Senhor de todas as nações, e regulador omnipotente de todos os successos da humanidade.

O povo, isto é, a patria, cuja prosperidade e bem estar moral e material, deve ser a mira constante de todas as lides e de todos os esforços.

O Rei, que é o symbolo, que é a encarnação das aspirações supreamas da patria, e que á frente d'ella, a conduz pelo ca-

mino glorioso dos grandes committimentos e das grandes emprezas.

Mas para isto, snrs., devemos attentar em outro lemma. Para nós não menos querido e não menos querido para Aquella Augusta Senhora, para Aquella mulher forte que se chama D. Adelaide Sophia de Bragança.

Esse lema tem insculpidas estas duas grandes palavras:—*Constancia e Prudencia*.

Deve ser esta a regra essencial de todos os nossos trabalhos:

Constancia nos principios, nos sentimentos, na grandeza d'alma, que faz os verdadeiros heroes.

Prudencia na escolha e emprego dos meios, prudencia no conselho e nas resoluções, prudencia no porte e na palavra.

Havendo constancia e prudencia, haverá necessariamente a união de que deriva a força, haverá necessariamente a disciplina de que deriva a união.

Cerrar fileiras, pois, legitimistas. Correr cada um ao seu posto, sem invejas, sem rivalidades, sem orgulhos ócos.

A abnegação de si proprio, salvando a dignidade individual, é a primeira condição de um bom politico.

Legitimistas.—Eu, como verdadeiro portuguez, que me preso de ser, estarei sempre ao vosso lado nas primeiras filas; e parafraseando o celebre caudillo vandeano—o conde de Larochejaqueliu, clamarei como elle:

Legitimistas: no meio da refrega, a que nos vamos devotar, se eu morrer, vingame,—se eu recuar matai-me,—mas se eu vencer, segui-me!

Segui-me, sigamos todos, nos trabalhos sem descanso, na lide incessante, que hoje mais que nunca se torna indispensavel, para que todos imitando os nossos antepassados, possamos bradar em breve praso de tempo, com o nosso Rei á frente:

Real, real, real  
Por D. Miguel II, Rei de Portugal!»

O snr. João Azevedo, instado por alguns amigos, foi inscripto para fallar. Disse que, ha mais de 12 annos, formando com alguns amigos seus uma commissão de mancebos, enderessaram a Sua Santidade o SS. Padre Pio IX de saudosa memoria um enérgico protesto contra a invasão italiana. Que S. Santidade respondeu commovido a essa manifestação assignada por centenas de mancebos d'esta cidade. Que mais tarde elle e esses mancebos seus companheiros, pensando qual seria o governo que mais poderia garantir á Igreja o respeito e independencia, viram que só o governo legitimo em face da historia era o que mais e melhor poderia deffender a Igreja dos ataques da impiedade. Que via com enthusiasmo, que depois da sua retirada d'esta cidade, a commissão da mocidade legitimista d'aquelle tempo não havia desanimado, vendo os mesmos mancebos, cujos cabellos já principiavam a encanecer, mais corajosos e animados, dando d'isso uma prova exuberante constituindo o *Gremio Legitimista*, escolhendo o dia 1.<sup>o</sup> de Dezembro de saudosa recordação para todos os bons portuguezes. Em seguida recitou a seguinte poesia, por elle escripta e que a alguns annos a havia recitado no theatro d'esta cidade:

Eu não venho pedir vossas palmas  
Para a minha canção festiva,  
Só vos peço escuteis bem attentos  
O que digo do meu Portugal.

Portugal é a patria dos grandes,  
É a nobre das nobres nações,  
Portugal é brilhante na historia,  
É a patria do grande Camões.

Cartagenos, romanos e mouros,  
Não lhes vale em seu peito e arnez,  
Nossas armas são duras, são fortes,  
Como é forte qualquer Portuguez.

Dias tristes, penosos, houveram,  
Portugal a cabeça curvou,  
E os grilhões da perfida Castella  
Sobre os luzos a infame apertou.

Portugal, de soffrer já cançado,  
Liberdade a seu Deus vae pedir,  
Sua prece, tão nobre, tão santa,  
Vinde todos, senhores, ouvir:

—Já do Oriente os povos não nos temem,  
Eis Portugal no mundo hoje olvidado,  
Nem temos já quem cinja a regia corôa,  
De nossos reis o septro está quebrado!

—Out'ora tão valentes, tão possantes,  
Dos povos nosso ferro era temido,  
Hoje nem tem já força nossas armas,  
Nosso braço repousa entorpecido.

—De estranhos nos apertam as cadeas,  
Soffrer não pôde já o lusitano,  
Liberdade, Senhor, mandae do empyreo  
Roubae-nos ao poder dos Castelhanos.

E de Henrique o Deus poderoso  
Ouviu logo os filhos seus;  
Em seu throno protentoso  
Escutou-nos lá dos ceus:  
Disse aos lusos esforçados,  
Aos guerreiros denodados:  
Ide, vençei outra vez!  
Chamae el-rei D. João,  
Alvora e vosso pendão,  
Gloria ao povo portuguez!

De Portugal a nobreza  
Eil-a toda alvorotada,  
Pois que a patria estava preza,  
Cumprira ser libertada:  
Ressurgem novos guerreiros,  
Esforçados cavalleiros,  
D'esta patria tão leal,  
E guiados da Providencia,  
Bradão: Viva a Independencia!  
Viva o nosso Portugal!

## A DINAMITA NO VATICANO

Um telegramma de Pariz diz:

«Na na sessão da Camara de deputados directiu-se o orçamento do ministerio dos estrangeiros.

«O snr. Villiers, pertencente ao partido legitimista disse que o Papa não está livre em Roma e que a lei de garantias é uma hypocrisia.

Terminou indicando que é possivel que o Papa abandone enfim Roma.

«O snr. Duclere, presidente do conselho, respondeu que não ha motivos para suspeitar a saída de Sua Santidade d'aquella capital.

Diz de Hespanha uma das principaes folhas catholicas:

«Não nos é possivel fazer a nossos leitores a menor explicação a respeito do indicado pelo deputado legitimista com referencia ao Santo Padre.

Comtudo, á falta de promenores sobre este ponto concreto, temos á vista alguns paragraphos, reproduzidos por um jornal francez republicano, do artigo de *La Rassegna* diario furibundo de Roma, que provou a discussão da these que nos serve agora de epigraphie; these singular, que por muitas razões e circumstancias necessita nas nossas ephemerides de amplo lugar, ao menos para suprir, até certo ponto, a luz que nos falta no telegramma reproduzido.

«A dinamita no Vaticano!»

«Repetimos. Esta these é singular na discussão.

«Sustenta em prol *La Rassegna*, *Le Moniteur de Roma* defende contra. Ambos são periodicos da metropole italiana.

«A proposição poz-se d'este modo:

«Dados os ultimos acontecimentos não valeria mais, não seria mais prudente e mais politico para a Italia que o Papa abandonasse Roma, do que expór-se permanecendo n'ella, como se pretende, ás humilhações e baixezas de hoje? Por que enquanto durar o conflicto entre a Italia e o Pontificado, aquella será condemnada fatalmente a representar no exterior um papel humilhante. Roma capital será sempre uma arma segura nas mãos de seus adversarios.

*La Rassegna* respondeu com um grito de desesperação:

«Morra Italia antes que Roma deixe de ser capital!»

E accrescentou:

«A Italia poderá encontrar-se ante o dilema de succubir ou de fazer voar o Papa. É possivel que ella succumba; porém é mais provavel que antes de succumbir demula o Vaticano. Tal é hoje a forma verdadeira, inexoravel, d'esta grande controversia, e o *Moniteur de Roma* fazia bem em attender-a e consideral-a tal qual é como nós a attendemos e a consideramos; e verã então que não empregamos a fria rhetorica, quando dizemos que *brinca com o fogo e a dinamita.*»

«Isto certamente é gravissimo, e tanto mais quanto *La Rassegna* tem passado, até ao presente ao menos, como periodico serio, cujas opiniões tem certo peso na imprensa.

*La Rassegna* ameaça o Vaticano com o fogo e a dinamita! Estes são argumentos impervistos!»

«Assim se explica *Le Moniteur*, e continua:

«Quer permittir-nos *La Rassegna* uma comparação?

«Seus procedimentos são iguaes aos que usam os ladrões das encrusilhadas.

«*La Rassegna* falla de fazer voar o Papa como os bandoleiros ameaçam com degolar aos que tem em seu poder, quando os querem roubar. A Italia reduziu o Papa ao captivo, e *La Rassegna* não quer que haja resgate. E diz á Europa: se vos aproximaes para o libertardes, mataremos o Papa e faremos ir pelos ares o Vaticano.

«É inutil observar quão graves são estas ameaças, e com que resplendor lugubre illuminam a situação.

«Eis os tristes progressos, que nos espiritos se realisam.

«*La Rassegna* falla hoje exactamente como *la Legá*. Não é já a injuria, é a ameaça, e ameaça brutal e insultante.

«Roma capital, como todos vèem, tem sido uma grande falta; as consequencias de esta falta dolorosa estão em caminho de desenvolver-se; e não resulta á Italia senão a vergonha e a humilhação.

«Mas este estado de coisas em vez de produzir discretas e salutaras reflexões, em vez de abrir-lhe os olhos, exaspera a Italia official, e redobra o seu odio contra o Papa. Ella desafia a Europa dizendo-lhe: «Antes que a liberteis ira pelos ares o Vaticano a fogo e sangue.»

«Uma vez mais, não exageramos, estas são as proprias palavras de *La Rassegna*.

«Assim fallavam os communistas de Pariz, e sabemos que em 1871 cumpriram o que prometteram.

«Ignoramos se as ameaças de *La Rassegna* irão a cabo, ainda que tudo pôde esperar-se; mas se esse periodico se propõe a intimidar o Papa, engana-se. No decurso dos seculos, o Pontificado tem tido outros inimigos que combater, e fora dos sectarios de Italia, e não nos inquietamos pelas consequencias da lucta hoje empenhada.»

O Pontificado é o poder moral por excellencia, e nem o fogo, nem a dinamita o destruirão.

«Voará o Vaticano! E depois?»

«Sem duvida essa será para o mundo uma perda irreparavel; porém o Pontificado sairá intacto d'entre os destroços, e sobre as ruinas do Vaticano lerá a posteridade esta inscripção:

«Aqui esteve o palacio dos Pontifices romanos. Aqui viveu larvo tempo a mais antiga e gloriosa dynastia da historia. Aqui reinava uma potencia que impulsou o mundo por seu unico ascendente moral, que foi sempre temida pelos oppressores e tyrannos. D'ali partiam para illumina, fortificar e consolar o mundo, a verdade a luz e a paz. Ali renhiam os soberanos Pontifices, todas as obras primas da antiguidade, salvas da destruição do tempo e dos barbaros; ali estavam accumuladas todas as maravilhas do espirito humano, tudo o que é arte, ao sopro do genio, e graças á protecção benefica e illustrada dos Papas, pôde produzir de mais sublime e mais bello.

«Este palacio, que era ao mesmo tempo um templo e um museu, o asylo da religião e das artes, foi queimado pela Revolução italiana em um dia de motim.

«Este crime de lesa civilização, espantará o mundo; porém o Pontificado, nem assim deixará de proseguir na carreira de seus gloriosos e pacificos destinos. Este lugar em que serão sepultadas as cinzas de um novo Papa martyr, não será senão mais santo e veneravel, e a dynastia dos Pontifices continuará encontrando ali um asylo que, se não será um palacio, não será já tambem uma prisão.

## RELIGIÃO

### O SNR. NUNCIO

ANTE OS ATAQUES DA IMPRENSA LIBERAL

(Continuado do n.º 45)

IV

Ainda não cessou o alarido nos arraiaes liberaes; ainda a vozeria e desconcerto atroam os ares, simulando horrorosa tempestade: e não obstante, bem pensada a coisa, vem-se no convencimento de que to-

do este artificial alvoroço não passou de fumo, que imparcial e fria analyse, qual ligeira briza, desfaz ao menor soporo.

Hoje concluiremos a analyse do 1.º artigo do *Popular*, o designado para levantar a lebre, atraz da qual correram quasi todos os liberaes (dizemos quasi todos, porque verem depois nem todos cairam na esparrella).

Este foi a base das operações, a palavra d'ordem saída de nocturnos conciliabulos, foi emfim o primeiro baluarte da fortaleza liberal que fez o fogo sobre os catholicos e tentou abrir brecha, atacando a pessoa do Snr. Nuncio Apostolico.

Se, pois conseguirmos lançar por terra este baluarte, arrazal-o com a metralha da logica dos factos, certo fica que o edificio ha de vir abaixo.

Continuem, pois, a defeza com pólvora e bala de lei, com armas que não envergonhem a peito descoberto, e não de emboscada e á traição, como, em sua impotencia e malevola astucia, se vai fazendo no campo liberal. Vamos aos artigos da accusação:

4.º—Porque o Snr. Nuncio não obedece ás disposições do Conc. Trident. «a respeito das concessões matrimoniaes.»

Fala-se no Conc. Trid; mas não se aponta o logar, falta indesculpavel na mão eclesiastica que formula a accusação; diz que o Snr. Nuncio concede essas dispensas carras, e não aponta o preço; que as concede «sem motivo», e não aponta um exemplo, um só, de tantos que dá entender sabe como em sagredo e que as concede «só para auferir pingues emolumentos.»

Onde a prova? Pois será bastante que o diga o *Diario Popular*? Para alguém será; para nós não basta, queremos provas e enquanto ellas não vierem, ficaremos considerando todas essas accusações como miseraveis columnias de espirito ou demasiadamente corrompido, ou exasperadamente malicioso, ou de uma e outra coisa.

V

5.º Porque «consegue em poucos annos fazer abundante fortuna.»

Então qual a fortuna que tinha o Snr. Nuncio quando chegou a Portugal? qual a que tem hoje? A affirmação do *Popular* supõe sabe uma e outra coisa, e nós, em nome de todos os catholicos e amantes da verdade, exigimos a resposta a essas duas perguntas.

6.º—Porque «subsidiá jornaes e clubs reaccionarios em associações de equal natureza.»

Se o facto é certo, ha de responder-nos ás seguintes perguntas:

Quaes sam esses jornaes? quaes os clubs reaccionarios que o Snr. Nuncio sustenta? O *Popular* que o disse é porque o sabe; então destrave a lingua e ponha tudo em pratos limpos. Aborrecemos estas insidias, este jogo encoberto e malevol: venha a franqueza.

VI

7.º Porque esses jornaes e associações «representam outros tantos attentados contra a auctoridade dos Prelados.»

Continua o systema de perfidia; e aqui mui particularmente se revela crassa ignorancia. Esta, de que os jornaes e associações catholicas sam «outros tantos attentados contra a auctoridade dos prelados». só a podia sonhar ou descobrir o *Diario Popular*, á última hora paladino dos direitos dos Bispos, mas ainda assim de certos.

O Episcopado da Hespanha, apoiando e trabalhando pela *União Catholica*, e dando apoio e auxilio á imprensa catholica; o grande Episcopado francez, animando e auxiliando toda a obra que tenda á defeza da Igreja, incitando até os fieis a se associarem, assistindo presidindo aos Congressos etc.; o proprio Papa, considerando e louvando e recommendando até aos Prelados a imprensa catholica, sam ou uns pobres ignorantes, ou demasiadamente simples, porque não descobriram ainda que tudo isso sam «attentados contra a auctoridade dos Prelados!»

*Pobre Popular!* no meio de tanta atropalhão não viu o disparate em que se deixava cair, e este só bastava para desautorisa-lo na questão que levantou, ou por ignorancia ou má fé.

8.º—Porque «invade as attribuições aos Bispos portugueses, e mal diz do clero mi-trado.»

Quaes sam essas «invasões»? Aponte uma, porque isto de afirmar sem provar é como quem, para dar a punhalada, se se esconde nas sombras.

E caso houvera essas imaginadas «invasões», porventura Prelados não saberiam pugnar pelos seus direitos? desconhecem elles o certo apoio que para logo encontraríamos nos braços do governo, sempre prompto para mostrar sua *valentia e arrogancia*, não contra as armas da França, que os esbofeteia á vontade (lembramos *Charles et Georges*), mas contra um soberano que só combate contra a resignação e carinho para filhos ingratos?

Venha, pois, um exemplo das taes «invasões», que pelos dizeres muitas devem ser.

(Continua)

O BEM E O MAL

(Continuado do n.º 40)

E certo que o erro, como mal que é, não pôde produzir senão o mal; mas o erro, em si mesmo, não é exclusivamente um mal. O erro é o espirito do homem aceitando como verdadeiro um principio que é falso. Ora deve-se distinguir o caso em que, aquelle que se engana não possui meio de distinguir o seu erro, do caso em que tem o poder de o verificar e emendar. Exemplifiquemos.

Um artista vive imbuído de falsas ideias politicas, que bebeu em jornaes e livros escriptos com má fé. Naturalmente regula por ellas a sua vida social e é victima dos seus prejuizos, o que é positivamente mal; mas, como não praticou este mal conscientemente, não é culpado, e a justiça exige que o mal que soffreu tarde ou cedo seja reparado. Mas note-se que as pessoas instruidas com quem convive, são interessadas em esclarecel-o; porque o mesmo erro que o levou a prejudicar-se, pôde arrastá-lo a prejudicar os outros. Mesmo, se elle commette algum crime, levado pelos seus prejuizos, os tribunaes tem a attender á sua ignorancia. Os desgraçados persuadidos d'estes e outros preconceitos que põdem trazer comsigo e quasi sempre trazem grandes clamidades, são uma lição eloquente dada pelos factos aos ricos de saber, avaros da sua riqueza. Em presença d'estas desordens, a sociedade erudita, se respeita os fins da Providencia, deve compadecer-se dos pobres abusados e distribuir-lhes a luz que lhes falta. O cumprimento consciencioso d'este dever sagrado de protecção intellectual, seria o bem saindo do mal, segundo a lei de Deus. Não é por erro no plano da Providencia que os individuos envelhecem e morrem na superstiçião, na mentira, no erro fecundo em acções criminosas. As crises sociais que tem abalado o mundo e neste seculo tem arruinado as sociedades, são avisos providenciaes bem terriveis e manifestos. Aquelles que têm ouvidos para ouvir que oução, aquelles que têm razão para comprehender que comprehendão. É mister esclarecer as multidões, mostrar-lhes os perigos das suas doutrinas deleterias; combater a ignorancia em qualquer forma que se apresente.

E ninguem diga que, quanto mais o povo for ignorante, mais facilmente se pôde governar. É um erro. O que é necessario é que a instrução seja de modo a morigerar as massas e não a corrompe las; de forma a crear cidadãos uteis e respeitadores da lei e não desprezadores da auctoridade legitima.

Em muitos casos o homem possui meios de conhecer o seu erro e de o abandonar. O principal d'estes meios é nunca dar por certas as ideias adquiridas; verificar incessantemente os fundamentos do seu saber; e não acreditar, por infatuação ou por preguiça, que sabe o que não sabe. O amor proprio, diz Pascal, é um excellenté instrumento para nos vender agradavelmente os olhos. Imaginamos ter aprendido tudo a passear e desprezamos o estudo. Todo o homem previdente examina diariamente a sua vida, e quantas pessoas passão tempos esquecidos sem perguntarem a si mesmo o que têm aprendido de solido e em que se têm enganado! O maior numero de erros são obra nossa, e contudo nil circumstancias estão continuamente a avisarnos de que nos arredamos da verdade. São indicações e luzes de que infelizmente nos não sabemos aproveitar. Deviamos procurar adquirir a verdadeira medida do nosso valor intellectual; porque o sentimento exacto do que valemós excitaria o nosso espirito a fortificar-se em vez de mal dizer dos homens e da Providencia.

O erro é um mal; mas como é a intelligencia que o commette e a intelligencia tem a facultade de se julgar e de se rege-

nerar, o remedio está ao lado da enfermidade. Além d'isso, o pezar, a decepação, as pessimas consequencias que traz comsigo o erro, são, não só uma repressão e um remedio, mas ainda um estímulo a melhor governarmos o espirito. De sorte que o erro, umas vezes sob a forma de castigo, outras sob a forma de incentivo ou de prova, está-nos indicando que nos devemos afastar d'elle e aproximarmo-nos o mais possivel da verdade. Aprender do erro a evitá-lo e a buscar o bem, é comprehender o destino que o auctor da natureza nos marcou; é pouparmo-nos a muitos desgostos, principalmente os que nos advem da facultade de amar.

Amar é um bem? gerará o bem? Amar é proprio do homem; é a extensão do seu ser para fóra de si mesmo. Um santo da idade media definia Satan: um desgraçado que não pôde amar. O amor é uma felicidade, e é por isso que amamos sem esforço naturalmente, nossos paes e o paiz que nos viu nascer. O homem assim que chega á força da idade cria uma familia, e tudo o que soffre por ella lhe parece doce, agradável. Já disse um poeta «que todos os prazeres não valem as penas do amor» e é assim. Mas o amor não é só uma alegria, é uma força. Quem ama não vê obstaculos: arrasta com os perigos, com a dôr e até com a morte. O amor gera o heroismo. torna a alma fertil em virtudes sublimes. Por isso o amor é um bem e produz mais do que nenhuma outra cousa, um melhor estado, o progresso. O egoista é o mais esteril dos seres; é um zangão na colmeia humana; é um infeliz. Depois de, por muito tempo, não ter amado senão a sua pessoa, chega um momento em que a vida se lhe assemelha a um deserto, e lastima-se então, mas é tarde. Não amar é pois um mal; odiar é quasi sempre um supplicio, a não ser quando se aborrece o crime.

Mas apparece uma objecção. Porque é que Deus, sendo bom, agua as delicias do coração com tantas contrariedades, com tantas amarguras?

Sem duvida repetir que uma lei verdadeiramente divina não pôde ser má nem injusta, vamos ao fundo da questão. Os soffrimentos da afeição, como os da intelligencia, ou são merecidos ou não. Supponhamos os não merecidos e demos alguns exemplos. A dôr que soffre o que ama sinceramente, quando não é merecida, experimenta-o, regenera-o, eleva o acima de si mesmo e torna-o mais forte para os combates da vida, contanto que elle tenha comprehendido a alta significação da dôr. Observe-se as pessoas que nascêrão na opulencia a quem tudo tem corrido ás mil maravilhas. Mal uma contrariedade as ameaça ou qualquer desgraça lhes succede, quer esta desgraça seja publica, quer seja particular, é vel-os como caem n'um abatimento que faz dô. Inquietos, perturbados, algumas vezes fóra de si, passão as noites agitados e os dias a tremer. Quem os vê lastima-os e diz: «Eis um homem que nunca soffreu. A riqueza enervou-o, a vida feliz tornou-o fraco.» É como se dissesse: «Mais vale ao homem ser experimentado e tornar-se corajoso e firme do que gozar sempre e tornar-se afeminado e covarde.» Por estas palavras é proclamada a sabedoria divina cujo paternal rigor só tem por fim o nosso progresso moral.

Mas uma pobre mãe que tantas torturas padece para dar á luz o seu filho, que noites é noites vela junto do seu berço, que soffre innumeradas privações para o crear e educar e depois o vê morrer ao desabrochar da vida, não soffre um destino inutilmente cruel?

Esta desgraça, com effeito, seria uma atroz iniquidade, se a existencia presente fosse a unica. E eis uma das razões porque negar a immortalidade da alma, é commetter um erro violento que nem o coração nem a intelligencia sabe tolerar. No entanto, mesmo neste mundo, esta pungente prova, para quem lhe penetrar o sentido, encerra um bem, como mostraremos no artigo seguinte.

A. Semblano.

NOTICIARIO

**Academia Religiosa.**—A Associação Catholica d'esta cidade, em hora da Santissima Virgem da Conceição, sua Augusta Padroeira, celebra na sua casa da rua de S. Miguel-o-Anjo, no dia 10 do corrente (domingo) uma brilhante academia religiosa, para o que ja se acham inscriptos varios oradores.

Tambem a mesma associação mandou celebrar na igreja do Populo uma novena á mes-

ma Santissima Virgem, havendo hoje de manhã communhão geral e missa cantada a instrumental.

Foi grande a concorrência dos associados á Sagrada Communhão.

**A Restauração.**—No dia 1.º de Dezembro viu pela primeira vez, a luz da publicidade na cidade de Lisboa o sympathico jornal, com o título que nos serve de epigrapho.

É admiravelmente bem redigido, e pertence á *mocidade legitimista*, de quem é orgão.

No proximo mez de janeiro, deve sahír regular e diariamente.

Este novo paladino da legitimidade—glória da mocidade legitimista, que, por mereço de Deus, ainda se não acha contaminada da *phloxera* da epoca, advogará com firmeza e coragem os direitos do povo, da patria e do Rei! pondo acima de tudo os da religião catholica.

Avante juventude catholica—avante mancebos legitimistas—avante!. Por Deus é pela Patria, rapazes, e depois pelo Rei. *Carago!* bravo! é para diante. Já não temos inimigos, porque até o demonio desapareceu ouvindo fallar em nós. Muito bem: contaes conosco e com a nossa *Cruz e a Espada*.

Mil parabens e um apertado abraço—Zaz.

**Ascensão em Vieira.**—Segundo nos informa D. Proferio Hebreu—profeta muito conhecido d'aquelles povos, aonde o lobo sobe e desce n'estes frigidis tempos, houve ali sem ser á 5.ª feira, a ascensão do snr. Governador Civil, subindo ao ceo preparado d'antemão pelo snr. Guilherme d'Abreu.

Os anjos, os apóstolos d'aquella grei, ficaram com os olhos fixos no seu deus, que ia subindo pouco epouco, dando depois entrada no empyrio celeste do gigante de cebo ao bater da meia noite. . . . Ficaram todos lagrimijando—! desolção oh! oh! oh! Exclamavam todos ás escuras e o nosso deus? oh! . . . .

N'este momento uma voz robombando d'aquelle montanha, dizia estas palavras—Que pandega rapazes, e viva a patusada—eu cá estou. Bravo, muito bem.

Cante-se agora a ladainha regeneradora vamos, viva o santo da fonte sêca—:(coro) Já, pôe pôe ovos, etc. e assim por deante.

Consta que já fez milagres, pôdo 3 cada galinha do ninho regeneradeiro.

A renuncia do Senhor Arcebispo Primaz.

O *Diario do governo publico*, segundo os telegramas recebidos á última hora a noticia de haver o governo dado uma portaria devolvendo ao Senhor Arcebispo o officio que remetteu á secretaria dos negocios de justiça, com destino ao Nuncio Apostolico, por se julgar desnecessaria e *menos conveniente* (por certo para elles governantes) a interferencia da Santa Sé.

Temos mais um decreto accaitando a renuncia absoluta do Snr. Arcebispo de Braga.

Poderá o governo aceitar definitivamente a renuncia do Sr. Arcebispo sem auctorisação da Santa Sé?

O *Amigo do Povo* de hontem diz que os poderes competentes accaitaram aquella renuncia.

Será poder competente o Estado quando a confirmação dos prelados pertence á Santa Sé?

E' o que veremos.

**Fallecimento.**—Finou-se o sr. Antonio Pereira d'Araujo Peixoto, pae do sr. Antonio Placido de Vasconcellos Peixoto, intelligente engenheiro das Obras Publicas, e que ultimamente desenhou o novo templo de Nossa Senhora do Sameiro.

Os nossos sentimentos.

**Outro.**—Tambem se finou a snr.ª D. Joanna Ferreira Monteiro, esposa do sr. João Ferreira Monteiro, e cunhada do sr. dr. Manoel Joaquim Correia Vellozo, juiz substituto d'este juizo.

A toda a familia da finada os nossos peza-

zames.

**Brinde academico.**—Na sexta feira passada, 1.º de dezembro, percorreram as ruas d'esta cidade os briosos academicos levando á sua frente a commissão escolastica.

Dois mancebos caminhavam na vanguarda, vestidos de capa e batina, e montados em formosos cavallos. Seguiu um carro puchado a duas parellas, engrinaldado de palmas e flores com seus galhardetes, a bandeira nacional, conduzindo duas formosas crianças que levavam os brindes para offerrecer ás damas bracarenses.

Uma banda de musica tocava o hymno da independencia.

O brinde que a briosa commissão offerecia foi uma bella collecção de poesias, nitidamente impressas, formando um precioso folheto, devidas a talentosos poetas já conhecidos nas lides litterarias.

Foi muito applaudida a patriótica, lembrança da briosa mocidade academica, festejando o anniversario da nossa independencia.

Felicitamos a classe academica, e felicitamo-nos por terem estacionado ás portas de nossa redacção, offerecendo-nos tão miúdo brinde, que do coração agradecemos.

**Folheto importantissimo.**—«O Nuncio e a Maçonaria—ou resposta dada á imprensa liberal ás accusações feitas contra Monsenhor Marella Nuncio de S. Santidade em Lisboa, por um Padre Catholico verdadeiramente amante da sua patria.»

É obra de mão de mestre,—porque desfaz uma por uma as falsas e calunniosas accusações que a imprensa impia e maçonica, arremessara ás faces venerandas do representante da Santa Sé, junto do governo portuguez.

Pedimos aos detractores da pessoa sagrada do Exm.<sup>o</sup> sr. Nuncio Apostolico, que leiam este trabalho, sabido da lavra de um sacerdote que é o terror dos impios, impostores e manhosos.

Vende-se na livraria catholica do sr. Joaquim Antonio Pacheco—Preço 100 reis.—Lisboa.

**«Jornal de Famalicão.»**—É este o titulo de um novo jornal que vaie sair á luz da publicidade na formosa Villa de Famalicão, e de que será redactor e proprietario o sr. Antonio Vicente de Carvalho e Souza Junior.

Propõe-se o novo campeão da imprensa a tratar com desassombro os interesses mores e materias do concelho de Famalicão—não se alistando em politica alguma. Assim o cremos.

Mil felicidades—e boas vindas.  
A publicação principia no 1.<sup>o</sup> de janeiro—e sabirá ás terças feiras.

Preços—semetre 720 e com estampilhas 800 reis:

Anno 1\$440—com estampilhas 1\$600 rs.  
Brazil—3\$500 reis.

**Novo Mensageiro do Coração de Jesus.**—Recebemos o n.º 21, cujo somario é o seguinte:

Intenção geral do mez de dezembro de 1882.—A última hora.—Protesto de desaggravo.—Origem do ensino.—Amigos do Sagrado Coração de Jesus.—Bibliographia—Jesus dormindo.—Breve do Santo Padre Leão XIII.—Culto catholico.—Graça do SS. Coração de Jesus.—Dezeza dos interesses do Coração de Jesus—Meias palavras a proposito do spiritismo.—Revista dos interesses do Coração de Jesus em Portugal.—Revista dos interesses do Coração de Jesus.—Carta 13.<sup>a</sup> a um velho portuguez na Asia.

### AGRADECIMENTOS

Os abaixo assignados, irmãos o sobrinhos do Bacharel Felix Maria Gomes d'Araujo Alvares, summamente gratos por tantas provas de estima e consideração que receberam de todos os Ex.<sup>mos</sup> Srs. e Sr.<sup>as</sup>, não só durante a enfermidade de seu sempre chorado irmão e tio, como tambem por occasião do seu fallecimento, procurando suavisar-lhes a profunda magua que lhes causou tão doloroso acontecimento, vem por este meio patentear a todos, e a cada um de per si, o seu mais vivo reconhecimento e eterna gratidão.

Braga 25 de Novembro de 1882.

Joaquina Libania Gomes d'Araujo Alvares  
Josefa Julia Gomes d'Araujo Alvares  
Manuel de Santa Catharina Gomes d'Araujo Alvares, Abbade de Santa Maria de Ferreira d'Amareis.  
João Joaquim Gomes d'Araujo Alvares  
Miguel Justino d'Araujo Alvares (auzente)  
José Gomes d'Araujo Alvares  
Joaquim Gomes d'Araujo Alvares  
Miguel Gomes d'Araujo Alvares.

Os abaixo assignados, agradecem por este meio, na impossibilidade de o fazerem pessoalmente a todos os exm.<sup>os</sup> snrs. e snr.<sup>as</sup> que os honraram com os seus cum-

primentos por occasião do fallecimento de seu saudoso irmão, tio e primo, Manoel Antonio da Silva Pereira Guimarães,—aos cavalheiros que se dignaram assistir aos officios de corpo presente, celebrados por alma do mesmo finado, na igreja da ordem 3.<sup>a</sup> de S. Francisco, no dia 18 do corrente, e bem assim a todas as damas e cavalheiros que assistiram á missa do setimo dia —a todos significam o seu eterno reconhecimento e indelevel gratidão.

Braga 28 de Novembro de 1882.

Luz Pereira Guimarães  
Helena de Jesus Pereira  
Manoel Pereira Guimarães  
Maria José de Sousa Silva Branco.

(96)

Os abaixo assignados, esposa, filhos, tio e tia profundamente penhorados pela subida prova de sincera amizade que os exc.<sup>mos</sup> snrs. dr. Manoel José Ramalho, prior de Fonte Arcada, padre José Custodio d'Oliveira e Castro, Constantino Vieira de Castro, Fortunato José dos Santos, Manoel José Pereira Guimarães, Antonio Joaquim Baptista Vieira e Alvino Antonio de Carvalho, praticaram ao finado dr. Augusto Clemente de Souza Geão, para cujo funeral se constituíram em commissão e que dirigiram com o maximo disvelo, manifestando assim o muito affecto que consagravam ao fallecido, vem agradecer a esses illustres cavalheiros tão intimas provas de estima e protestar-lhes o eterno reconhecimento.

Agradecem tambem a fineza que diversas pessoas lhes fizeram, assistindo aos responsos de sepultura que por alma do finado se realisaram, no dia 12 do corrente, na parochial igreja de Nossa Senhora do Porto de Ave.

Povoa de Lanhoso, 23 de novembro de 1882.

Carlota Candida d'Araujo Geão  
Thereza Joaquina de Souza Geão  
Alexandre Pinheiro de Sá  
Maria Mavilde de Souza Geão  
João Augusto de Souza Geão  
Antonio Clemente de Souza Geão.

(95)

### ANNUNCIOS

#### VENDA DE 18 MORADAS DE CASAS

Antonio Joaquim Fernandes Braga e mulher Anna Thereza Gomes pretendem vender quatro moradas de casas na rua dos Peões, tres moradas na rua nova de Santa Cruz, sendo uma em que vivem e duas pegadas, outra morada de casas na rua de D. Pedro 5.<sup>o</sup>, e nove moradas na rua de S. Victor velho, cuja venda é para pagamento de dividas hypothecarias aos Ill.<sup>mos</sup> Srs. Gerentes do Banco do Minho, Joaquim Fernandes e José Ribeiro. (90)

João da Costa Palmeira, tem em sua quinta, em Santa Eulalia de Tenões, para vender o seguinte: laranjeiras, nogueiras, enxertos de pereira, pecegueiro e ameixoeira—tudo de boa qualidade. Ameixoeiras do Canadá, castanheiros, salgueiros, lodos, choupos com raiz, estacas dos mesmos e vides. (91)

### LIVROS

*Horas da Semana Santa*, empregadas na lição e meditação dos principaes officios e sagrados Mystérios d'este santo tempo.  
1 Volume de 570 paginas paginas—preço 600 reis.—*Rifanço o officio da Semana Santa*, com orações para a confissão, Sagrada Communhão, visitas das igrejas em quinta feira Santa e novena das almas,  
1 volume de 496 paginas—preço 600 reis.  
*Relicario Angelico*, de Jesus Christo e Maria Santissima, 1 volume de 234 paginas—preço 240 reis.  
*O Mestre da Vida*, que ensina a viver e morrer sanctamente, 1 volume—800 rs.  
*Christão devoto*, ou as principaes devoções para empregar o tempo sanctamente, 1 volume preço—160.

*Exercicios Angelicos*, em que o perfeito e verdadeiro christão deve empregar sanctamente os seus dias, 1 volume—200 reis.

*Novena do Santissimo Sacramento*, que principia em 3.<sup>a</sup> feira depois do Espirito Santo, preço—20 reis.

Oração em Cruz a Nossa Senhora preço—20 reis.

Hymno a Nossa Senhora, preço—20 rs.

Remette-se qualquer d'estas obras francas de porte, a quem enviar a sua importancia em valles do correio ou estampilhas, a Manoel Pinto Monteiro, Travessa do Cego, 23—Lisboa.

### PADARIA GOMES

FORNECEDOR DA CASA REAL

#### PÃO

Portuguez, redondo e de quartos  
Francez, Italiano, Hespanhol

#### PÃO QUENTE

7 horas da manhã

Meio dia

7 horas da tarde

Grande armazem de farinhas  
melhores conhecidas

(91)

### MEDITAÇÕES

PARA TODOS OS DIAS DO ANNO

POR

M. HAMON

TRADUZIDAS

Da decima terceira edição Franceza

FRANCISCO LUIZ DE SEABRA

Parcho de Cacia

Tomo 1.<sup>o</sup>—Desde o 1.<sup>o</sup> domingo do Advento até ao domingo da Septuagesima.

Tomo 2.<sup>o</sup>—Desde a Septuagesima até ao domingo depois do Advento.

Tomo 3.<sup>o</sup>—Desde o 3.<sup>o</sup> domingo depois da Parchoa até ao 8.<sup>o</sup> domingo depois do Pentecostes.

Tomo 4.<sup>o</sup>—Desde o 8.<sup>o</sup> domingo até ao 17.<sup>o</sup> depois do Pentecostes.

Toma 5.<sup>o</sup>—Desde o 17.<sup>o</sup> domingo depois do Pentecostes até ao Advento.

Tomo 6.<sup>o</sup> é ultimo—Sobre os santos, cujas festas tem dias fixos.

A obra completa (6 vol. 2\$400 reis) será enviada franca de porte a quem remetter a sua importancia em valles do correio ao Editor Ernesto Chardron—Porto.

Está a sahir o 3.<sup>o</sup> vol., e a obra estará concluida em Janeiro proximo.

Depois da obra completa a preço será elevado a 3\$000 reis.

### Leccionista

Rua da Boa-Vista n.º 34—Braga

Acaba de chegar a esta cidade M. Jacques Wunderli, leccionista, Francez e Allemã, ensinando—traducção, fallar, e escrever correctamente, uma e outra lingua, preços commodos. Lecciona a toda e qualquer hora até á noute; assim como se presta a ir a casas particulares e qualquer collegio ensinar.

Todas as pessoas, que fizerem o favor de me auxiliar, leccionando-se verão, que em poucos mezes, estarão habilitados a fallar e escrever qualquer d'estas linguas.

Quem quizer informações, póde dirigir-se a esta redacção.

(93) Jacques Wunderli.

### Photographia LUSO ALLEMã

RUA DA BOA-VISTA N.º 34

BRAGA

Abreu & C.<sup>a</sup> photographos, tiram retratos com toda a nitidez e perfeição, promptificando-se a fiar com todos os retratos quando não estejam bons.

### GRANDE LOTERIA DE MADRID

SORTEIO A 23 DE DEZEMBRO DE 1882

Premio grande..... 450:000\$000

Segundo premio..... 360:000\$000

Terceiro dito..... 270:000\$000

Além d'estes consta de muitos outros de grande valor.

### BELLA CONSOADA

O cambista JOSÉ JOAQUIM SOARES

RUA DE CEDOFEITA, 415, B. PORTO

Recommenda aos seus amigos, como ao respeitavel publico em geral, que encontra no seu feliz e bem conhecido estabelecimento, um bom sortido, em bilhetes, fracções e series de todos os preços, para esta grande loteria, aos preços seguintes:

Bilhetes inteiros..... 92\$000

Meios bilhetes..... 46\$000

Quintos..... 18\$400

Decimos..... 9\$200

Vigesimos..... 4\$800

Quadragesimos..... 2\$500

Series de 10 numeros seguidos ou alternados, com um premio certo, a 400, 600, 1\$000, 3\$000, 6\$000, 12\$000 24\$000 reis, assim fracções de 40, 60, 100, 300, 600, 1\$200 e 2\$400 reis.

#### BRINDES

Todos os meus amigos e freguezes que me comprarem series de 10 numeros, desde o preço de 400 até 24\$000 reis, receberão ou lhe serão remettidos juntos aos seus pedidos os seguintes bilhetes da loteria de Lisboa, como brindes que lhe offereço: em cada serie de 24\$000, reis, um bilhete inteiro, em que, póde tirar 6.000\$000, em cada serie de 12\$000 reis, meio bilhete: em cada serie de 6\$000 reis, um quarto: em cada serie de 1\$000 reis, uma fracção de 250 reis; em cada serie de 600 reis uma fracção de 130 rs., em cada serie de 400 reis, uma fracção de 80 reis. Ficam com o mesmo direito aos brindes todas as pessoas que comprarem as mesmas quantias em fracções soltas.

O anno passado que comeci dando os mesmos brindes aos meus amigos, tive a ventura de repartir por elles 1/4 do n.º 4702, em 10 de dezembro, com os 8:000\$000, assim como 1/8 do n.º 4806, em 20 do mesmo mez, tambem com os 8:000\$000, isto além de muitos outros premios.

Espera portanto que os seus amigos, o continuarão honrando com suas ordens. Os brindes comecam a ser dados desde a primeira loteria do mez de novembro, até a ultima antes de 23 de dezembro.

Em pagamento de todo e qualquer pedido recebe letras sobre esta cidade ou Lisboa e valles do correio, ou mesmo sellos e estampilhas de todos os preços (não com tempo humido.)